

ANÁLISE DO DISCURSO E APRENDIZAGEM NA ABORDAGEM PSICOPEDAGÓGICA.

Eliana Branco Malanga - Unisa

A PSICOPEDAGOGICA: O ESTUDO DOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM

A questão do discurso e, conseqüentemente, seu estudo vem ocupando novos espaços na pesquisa da aprendizagem. A aprendizagem deve ser entendida aqui como a construção do conhecimento (assumido como saber individual), a qual resulta do processamento subjetivo da informação e do conhecimento, disponibilizados pelo meio ambiente em que o sujeito vive. Nesse processo, o sujeito torna-se autor do seu pensamento, uma vez que recria a informação recebida e dá-lhe um significado no conjunto dos seus conhecimentos.

A Psicopedagogia, que estuda a interação entre afetividade e cognição, permeadas pelos aspectos relacionais, no processo de aprendizagem, está começando a utilizar a análise do discurso, tanto na pesquisa como na prática clínica psicopedagógica. Na Universidade de Buenos Aires, pesquisadores da cátedra de Psicopedagogia Clínica (A universidade de Buenos Aires adota o sistema de cátedras com um professor responsável e sua equipe de professores pesquisadores.) No caso, a catedrática é a Dr. Sílvia Schlemenson, e em especial Luisa Wettengel e Patrícia Álvarez, utilizam a análise do discurso como instrumento diagnóstico. No Brasil ainda não existem estudos sobre o assunto, e a análise do discurso não faz parte da grade curricular de Psicopedagogia.

Como meu contato com a Psicopedagogia se deu a partir da minha formação em Letras e de minhas pesquisas em Semiologia, tive a oportunidade de lançar um novo olhar sobre a questão, sobretudo na área de pesquisa. Entretanto, foi nos cursos de formação em Psicopedagogia, que tive a oportunidade de conhecer a utilização clínica da Análise do Discurso em Psicopedagogia. Assim, após empregá-la na prática, desejei realizar um estudo sistemático e aprofundado sobre as possibilidades de uso da análise do discurso na clínica psicopedagógica.

Se aceitarmos que o objeto de estudo da Psicopedagogia seja a autoria do pensamento, temos como passo seguinte a compreensão de que o pensamento humano se formula através de uma linguagem, geralmente a linguagem verbal. (O termo

linguagem verbal engloba tanto a linguagem falada como a escrita, ao contrário do que entende o senso comum que entende “verbal” por falado.). Ela é, talvez, a forma mais característica da comunicação humana, mas não a única. Existem também as linguagens não verbais: o desenho, a pintura, a escultura, a música, a dança, o teatro (este misturando a linguagem verbal e a não verbal), a mímica, e, mais modernamente, o cinema e a televisão, que, tal como o teatro, incluem também o uso da linguagem verbal, o desenho animado e a fotografia. Isso sem falar na linguagem gestual cotidiana.

A análise do discurso, um instrumento de pesquisa da Lingüística e da Semiologia (a primeira é a ciência que trata da linguagem verbal, oral e escrita, e a segunda abrange o estudo de todas as linguagens, tanto a verbal como a não-verbal, sobretudo no que tange à formação dos significados), pode ser empregada pela Psicopedagogia, tanto na pesquisa como na prática, em especial no diagnóstico psicopedagógico. A análise do discurso verbal terá maior aplicabilidade na anamnese, mas o discurso não-verbal, particularmente a linguagem corporal do paciente, também é altamente informativo, bem como o dos pais, se estes estiverem presentes na consulta. As dissonâncias entre formulações do discurso oral ou entre este e o discurso não-verbal podem fornecer ao psicopedagogo dados relevantes que, de outra forma, ele levaria muito tempo para obter.

O DISCURSO DO CORPO

A linguagem do corpo, algumas vezes, é espontânea e até inconsciente, e outras moldada pelo meio social. A postura de uma pessoa fala não apenas de suas emoções momentâneas, mas de suas atitudes, de seu contexto cultural e até de sua história pessoal. A simbolização corporal não está apenas ligada à manifestação das emoções; ela também aparece como uma fase da aprendizagem na primeira infância. O nosso corpo pode dar mensagens coerentes entre si com o nosso discurso verbal, ou pode emitir informações contraditórias, demonstrando conflitos interiores. O corpo tende a retratar o nosso psiquismo, seja em suas disposições momentâneas de atração ou repulsa em relação a outras pessoa, seja em relação a sentimentos mais permanentes, sobretudo no que se refere à auto-imagem. As mensagens do corpo, por serem geralmente inconscientes, tendem a ser menos censuradas do que as mensagens orais.

Fernandez (1991, p. 57-64) abordou a relação entre corpo e aprendizagem. Ela distingue os conceitos de corpo e de organismo, sendo este o dado primeiro, natural, biológico e o primeiro resultante da experiência, da emoção e da autoconsciência.

Todos esses aspectos e outras questões simbólicas da linguagem corporal, tal como as que Bourdieu (1999) analisa, podem ser úteis para o diagnóstico psicopedagógico.

ANÁLISE DO DISCURSO NA CLÍNICA PSICOPEDAGÓGICA

Os discursos iconográficos ou pictóricos são bastante explorados nos testes chamados projetivos. Entretanto, mesmo neste caso, a análise é feita a partir dos elementos que aparecem no desenho e pouca atenção se dedica ao discurso visual como um todo.

Um outro tipo de discurso não-verbal parece-nos especialmente relevante na clínica psicopedagógica: o discurso corporal. O registro e a análise do discurso corporal são totalmente deixados de lado, exceto na aplicação do teste “A Hora do Jogo”, no qual o psicopedagogo apresenta ao paciente uma caixa com materiais diversos, organizados e embalados separadamente, e pede que ele crie alguma coisa. Nesse teste, observa-se a ação do paciente e não apenas o resultado gráfico. Entretanto, em todos os momentos podemos dizer que existe um discurso corporal que o ser humano emite em consonância ou em dissonância com seu discurso verbal. Desse modo, o observador atento pode fazer uma leitura daquilo que a linguagem corporal transmite. Esse aspecto é pouco explorado pela prática e pelos estudos em psicopedagogia. Ao registro e análise do discurso corporal dos pacientes em processo diagnóstico (que pode ser feita durante as entrevistas e a aplicação dos testes) demos o nome de “leitura corporal”.

Flora Davis (1979, p. 106) afirma que o corpo humano tende a se movimentar, a acompanhar ritmicamente a fala, dançando “continuamente ao compasso do próprio discurso”. A sincronia entre fala e movimento do corpo também ocorre quando uma pessoa ouve e outra fala. Se o ouvinte estiver atento, ele moverá o corpo no ritmo da emissão de voz da pessoa que fala. Quando a atenção diminui, a sincronia também decresce ou desaparece. Os movimentos dos corpos dos interlocutores também indicam a concordância ou discordância de ambos em relação ao conteúdo da mensagem, pois, quando os interlocutores estão em acordo, o ritmo de seu corpo é coincidente, e quando discordam, a sincronia se perde. Assim, pode-se entender parcialmente o conteúdo de

um diálogo apenas pelas imagens, pelo menos no que se refere à harmonia ou desarmonia de idéias dos envolvidos.

Também em grupo a sincronia indica a integração. Se uma das pessoas se sente pouco entrosada no grupo ou rejeitada por ele, o movimento de seu corpo não seguirá o ritmo do grupo, apresentará um outro ritmo.

O ritmo e sincronia dos movimentos corporais, durante um diálogo ou conversa em grupo, durante uma aula ou debate, não será sempre o mesmo. Os níveis de atenção ou desatenção, concordância ou discordância variam, e quando o ouvinte deseja passar à posição de falante ele manifesta isso com seu corpo.

A PESQUISA DE CAMPO

O objetivo desta pesquisa é estudar o uso da análise do discurso no diagnóstico e na intervenção psicopedagógicos. O primeiro elemento consiste na análise dos discursos (verbal e não-verbal) em si mesmos, e o segundo é a consonância ou dissonância entre o discurso verbal e o discurso não-verbal, particularmente o discurso corporal, pois o ser humano também se comunica por meio do seu corpo e não apenas pela fala e pela escrita, embora estas, que são linguagens verbais, sejam específicas da nossa espécie.

Esta pesquisa está sendo realizada com duas pacientes adultas e estudantes universitárias. Durante o diagnóstico utilizei a “leitura corporal”, que pode reformar e esclarecer a informação dada pelo discurso verbal ou, ao contrário, desmentí-la. Ambas são informações relevantes para o diagnóstico psicopedagógico. O discurso corporal não se compõe apenas de gestos, postura e movimentos; a roupa, os acessórios, a maquiagem, o penteado também são formas de comunicação. Todos esses aspectos foram anotados e analisados juntamente com os testes projetivos psicopedagógicos.

Na medida em que a pesquisa só poderá ser considerada concluída quando as duas pacientes tiverem alta, ou seja, tiverem resolvido seus problemas mais imediatos de aprendizagem, estando aptas a concluir com sucesso o curso universitário, consideramos que os resultados aqui apresentados são parciais, pois se referem a este primeiro ano de atendimento.

ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

A paciente A tem 26 anos, mas se comporta de modo infantil. Seu modo de vestir, de se movimentar, e até seu penteado atestam isso. Seu discurso verbal confirma esta “infantilidade” prolongada. Os testes psicopedagógicos reforçaram a percepção de uma falta de autonomia. Ela se sente criança, a mãe a trata como tal, como incapaz de ser sujeito de seu próprio destino e responsável pela sua vida.

Sua fala é difícil de entender, mas sua escrita é fluente, embora com erros de português, sobretudo de pontuação, o que pode ser interpretado tanto como uma falha de formação, devido ao baixo nível do ensino básico brasileiro (embora ela sempre tenha estudado em escolas particulares), como uma dificuldade de articular o pensamento.

A análise do discurso permite que ambas as hipóteses sejam consideradas como parte da mesma questão, já que leva em conta não apenas o conteúdo manifesto ou latente da mensagem, mas também a forma como ele é elaborado.

Ela está tendo enorme dificuldade para elaborar a monografia de conclusão de curso da graduação. Anteriormente, já apresentava dificuldade em outras disciplinas e foi encaminhada pela própria coordenadora do seu curso.

O discurso da mãe a respeito da filha também demonstra a sua posição autoritária e protetora, cuidando da filha adulta como se esta fosse incapaz.

A análise dos discursos de ambas, somada à análise do discurso não-verbal da paciente, tem permitido compreender a dinâmica da relação entre elas e atuar, através de processos simbólicos, para que a estudante conquiste sua autonomia e se veja como capaz de escrever o texto de sua monografia. Também temos trabalhado nos discursos escritos, para desenvolver sua capacidade de expressar-se nesse tipo de linguagem.

A paciente B tem mais de quarenta anos e sofreu muito nos seus estudos infantis, inclusive castigos físicos. Apesar disso, já adulta e com os filhos criados, voltou a estudar e está concluindo o curso superior. Seu discurso, tanto verbal como pictórico (nos testes), mostrava querer esconder-se. Frequentemente dizia: “Não vamos falar disso” e seus desenhos buscavam ocultar. Os textos escritos eram bem feitos, e sua aparência bem cuidada: roupas, penteado, acessórios, maquiagem. A sua aparência e gestos, assim como a fala e a escrita, buscavam esconder as imperfeições. Isso gerava uma imensa ansiedade no processo de aprendizagem, e era essa sua queixa: o enorme sofrimento para aprender, e o nervosismo que levava ao fracasso. Embora também tenha sido encaminhada pela coordenadora, foi a pedido seu.

Em psicopedagogia costuma-se analisar o movimento de mostrar e ocultar o conhecimento como uma forma positiva de motivar a criança para o aprendizado, despertando-lhe a curiosidade de aprender o que vem depois, o que ainda não sabe, mas pode saber. No caso em estudo, não era esse o tipo de ocultamento que aparecia nos discursos, e sim um ocultar-se, ou seja, em termos psicopedagógicos, não assumir a autoria do seu pensamento.

Esse tipo de dificuldade de aprendizagem pode ser criado pela própria escola e pela família, e foi o que aconteceu com B. Quando criança, era proibida de sair à rua, exceto para ir à escola. E lá, se errasse, apanhava. Também em casa o erro não era permitido. Assim, pela exigência de uma perfeição que não pode ocorrer durante o processo de aprendizagem, B foi bloqueada no seu prazer de aprender, e é isso que estamos tentando recuperar.

Seus discursos verbais já não ocultam tanto o seu eu. Em seus discursos escritos (no caso, os trabalhos acadêmicos) ela tenta colocar um pouco de si, mas ainda encontra certa dificuldade, porque a autoridade dos autores consultados não lhe permite emitir sua própria opinião, mas ela já vê esse fato com espírito crítico, consciente de que deve colocar um raciocínio pessoal, uma contribuição pessoal no seu trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema de B, embora tivesse origem em sua dinâmica familiar, foi intensamente agravado pela escola onde estudou no ensino fundamental, que era pública e localizada em uma pequena cidade do interior de um Estado do Nordeste brasileiro. Em suas palavras, ao referir-se ao castigo físico, isto ocorria “naquelas escolas de antigamente”.

É o caso de repetir o comentário que comumente se atribui a Einstein: “Com as escolas que temos, é um verdadeiro milagre que alguém consiga aprender alguma coisa”. Isso porque algumas escolas, ainda hoje, não incentivam o aluno a pesquisar, a inovar, e sim a repetir, sem críticas, o que o professor expõe.

A análise do discurso de alguns professores, apresentada em algumas pesquisas sobre o assunto, demonstra essa postura autoritária, que desencadeia o que em psicopedagogia chamamos de hiperacomodação, que consiste em adaptar-se excessivamente ao meio e nunca tentar o movimento contrário, a assimilação, ou seja, atuar no meio ambiente.

Mas este não é o tema de nossa pesquisa, de modo que, aqui, interessou-nos apresentar o uso da análise do discurso – verbal não-verbal – na clínica psicopedagógica, tanto no diagnóstico como no tratamento dos problemas de aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVÁREZ, Patrícia. Aportes metapsicológicos al análisis de discurso en la clínica. In: SHLEMENSON, Silvia et. al. *Subjetividad y lenguaje en la clínica psicopedagógica*. Buenos Aires: Paidós Educadora, 2003. p. 59-73.

BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999. (Estudos n. 20)

DAVIS, Flora. *Comunicação não-verbal*. São Paulo: Summus, 1979.

FERNANDEZ, Alicia. *O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias do pensamento*. Porto Alegre: Artmed, 1991a.

FERNANDEZ, Alicia. *A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família*. Porto Alegre: Artmed, 1991b.

FERNANDEZ, Alicia. *Os idiomas do aprendente*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 8.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MALANGA, Eliana Branco (org.). *Psicopedagogia e Semiologia: uma interdisciplinaridade produtiva*. São Paulo: Memnon, 2003.

MALANGA, Eliana Branco. Semiologia e psicopedagogia: um enfoque interdisciplinar. *Psicología y Psicopedagogía*. Publicación virtual de la Facultad de Psicología y Psicopedagogía de la USAL, Año IV, n. 13, Marzo 2003. Disponível em: <http://www.salvador.edu.ar/psic/ua1-9pub02-7.htm>.

MALANGA, Eliana Branco. A linguagem do corpo. *Cadernos de Psicopedagogia*. São Paulo: Editora Unisa/Memnon Edições Científicas, n.1, p. 54-65, 2001.